

CORREIO DO VOLUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:

ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE S. MIGUEL N.º 36

PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

LOURDES

Lourdes é um tremendo enigma. Se não é um grande hospital das doenças religiosas do nosso tempo, juntando alli os incuráveis, os deformados e os fracos de todo o mundo, dando-nos o espectáculo e a sumula das debilidades e aleijões do sentimento religioso que andam despertados por toda a civilização, será talvez a resposta á inanidade de muitos e sabios progressos do espirito humano, a prova provada de que do fundo da nossa alma brotam inexgotáveis e perenes de candura, de ingenuidade e de poesia que nem o racionalismo mais apertado e mais logico nem a experiencia de infinitos seculos serão jámais capazes de estancar. Em qualquer hypotese, e muitas se podem inventar, envolve aquelles logares uma atmospheria sibilina e apocalitica, repleta de segredos, de visões, de interrogações e mysterios em que a reflexão de todo se perde, sem saber a qual seguir nem se prender, aturdida de impulsos contrarios, por fim desintereçando-se de toda a anciedade de clareza, em vão caçada, exausta de tentativas, sem ter podido attingir um ponto firme e illuminado onde se apoie com segurança da verdade.

O facto, na sua essencia, é coisa pouca e sabida.

Em uma gruta dos rochedos de Massabielle, á beira do rio, a 11 de fevereiro de 1858, ao meio dia, a bemaventurada Virgem Maria appareceu a uma rapariga pobre, de quatorze annos de idade e de nome Bernardette Soubirous. Dezesete vezes se repetiu esta appareição durante os seis mezes seguintes. A fonte que rebentava d'aquellas rochas começou a ter poderes miraculosos. Multiplicando-se os milagres, affluiram multidões a implorar os seus beneficios. As auctoridades do logar, não acreditando n'essas benções divinas, mandaram vedar a aquelle sitio, mas logo tiveram de o abrir novamente ao povo, por ordem do imperador.

O bispo de Tarbes nomeou então uma commissão de ecclesiasticos e homens de sciencia para inquirir dos acontecimentos extraordinarios que se diziam passados em Lourdes. E, ao fim de tres annos de investigações, a commissão julgou tudo muito real e verdadeiro,—a appareição da Virgem, os extasis de Bernardette e os milagres das aguas.

A igreja auctorizou e reconheceu o culto de todas essas forças da divindade; e, por este modo legitimado, o culto em volta da gruta, cresceu de uma forma descommunal assombrosa.

Os peregrinos affluam de toda a parte, aos milhares; construíram-se igrejas magnificas sobre a gruta, para abrigarem as legiões de crentes que vinham cantar hymnos á Virgem e implorar-lhe o socorro e os beneficios. Mudou-se o leito do rio, para commodidade do accesso á fonte; construíram-se piscinas para banhar os paralicticos e os sãos; abriram-se lar-

guissimos terreiros para as procissões; adornaram-se de jardins e praças e bellas ruas os arredores, um funicular acarreta os viajeiros ao cume da montanha proxima; abundam as hospedarias de toda a ordem, para os pobres e para os ricos. Em cincoenta annos, a população da cidade triplicou e devem ser fabulosas as sommas que os milagres teem rendido e alli os teem enterrado em edificios sumptuosos.

Quando foi que isto aconteceu? Em que tempo?

Na segunda metade do seculo dezenove.

Que diziam por essas epochas os pensadores, os philosophos, os investigadores, os prophetas que conduzem a humanidade e lhe inspiram as convicções e as crenças? Que annunciavam, que pré-gavam?

O positivismo, o sceticismo, o materialismo, todo esse chuveiro de ismos que havia de banir o milagre da imaginação dos homens, que sem cessar afugentava os deuses e os reduzia a visões de um obscurantismo enfermigo que nos libertaria de toda e qualquer sujeição a divindades e nos entregaria, refeitos e vigorosos para toda a eternidade, ao imperio da razão e á infalibilidade da experiencia.

Foi nesse momento supremo do resgate philosophico e scientifico que a fé milagreira das aguas de Lourdes attingiu sua extrema força e viu rojados pelos seus altares, a cantar louvores á Immaculada Conceição, os bandos de fieis com cujas esmolos se erguiam templos soberbos para espanto e desengano dos incredulos. Na gruta ardem constantemente centenas de lumes, reflexo ininterrompido da ininterrompida confiança dos corações que os accenderam.

Se os espiritos fortes se não turvam com o phenomeno, muito felizes os julgo. Por mim, confesso, não sei responder, com precisão. O tumulto dos sentimentos que alli se accumulam e atropelam, confundem-me e desorientam-me; e a esfinge, o enigma é tudo o que me apparece claro quando me affasto, olho para traz e procuro guardar uma ideia nitida do que vi e ouvi.

Serão religião essa turba e a cidade que ella edificou e as orações que murmura e os mergulhos em que se lava do peccado e os canticos em que engrandece o Senhor? E' isso a abdicação de toda a aspiração terrena em uma vontade eterna e eternamente bemfazeja? Não; com certeza, não. Se porventura alli se encontra muita simplicidade e candura, o melhor das massas ingentes que se agitam á volta da gente, a alma que as alenta á caminhada e lhes ensina o theor das rezas e das invocações, é um modestissimo e mundanissimo aneio de bons contractos, um pedido á Virgem, adubado com esmolos e psalmos em abundancia, para que ella cure enfermidades, proteja os lares com muito pão e alguns regalos, nos dê prizões e satisfacções, deslinde dividas de amor e reconcilie esposos mal casados, para que, enfim, intervenha nas coisas da terra, dis-

tribuindo-as generosamente a quem com verdadeira fé lh'o pedir.

Porque, asseguram-mo, para que os milagres se façam é necessario implora-los com fé. E por fé entende-se o pleno reconhecimento da capacidade da Virgem para os operar, a certeza de que ella pôde instantaneamente, por um subito mandado, dar fala aos mudos e ouvido aos surdos, ou pôr em ordem quaesquier finanças aviariadas de comeresqueres á beira da falencia ou de dissipadores imprevidentes.

O que isso é, o que esses sentimentos traduzem, não sei eu dizelo bem. Não chega lá a minha pobre analyse psychologica. Mas religião, não é. Pelo menos, aquella religião de sacrificio e caridade que no Calvario foi consagrada pela morte de Christo e no Alverno estigmatizou S. Francisco de Assis. Essa dispensava banhos de aguas santas; curava as enfermidades com a resignação e louvava a Deus por as mandar aos homens para lhes robustecer o coração.

Tanto pão transformado em gozo e em commodidade e tanta candura convertida em juro!—Quem fôr a Lourdes isento de todo o preconceito, não poderá fugir a esta exclamação ao deparar com o seu esplendor e com as azas negras da especulação que adéja em volta do templo. A primeira impressão, a mais viva e a mais duradoira, é a do balcão, o commercio, a credulidade innocente posta em mercaderia. Religião é o que menos se vê. Nem a religião da abnegação e da caridade consentiria tal luxu de devoção emquantoia no fumo de devoção de fome, nem tão pouco admite que a crença em poderes divinos se traduza na captação das larguezas de algibeira dos simples cuja rudeza, entendendo que a fé não prescinde de tributos em moeda corrente, por isso os paga amplos e de bom grado.

Na verdade, para entreposto de fé e fazendas negociaveis correlativas, o logar foi maravilhosamente escolhido.

(Conclue no proximo numero)

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

GAZETILHA

O' meu rico S. João,
Eu não sei se ainda agora
Teem por tí adoração
As cachopas, como outr'ora,

Em que mesmo nas escadas
Lá do côro, adormecias,
E das freirinhas babadas
Mil beliscões recebias!

Eu não sei se gostas inda
De alegre... caçar um grillo,
E de ouvir's pequena linda
Perguntar, a rir, «que é aquillo?»

Mas creio, rico santinho,
Que se tu dos altos ceus
Vês o passo travadinho
E os caricatos chapéus,

Que usam agora as moçoilas
—O pequenome catita—
Em logar de repapóilas,
Berrarás «O' Costa apita!»

Ouviste por lá dizer,
O' meu rico S. João,
Que as damas querem trazer
Só ceroulas... ou calção,

Que é trajar mais elegante,
Muito mais leve e mimoso,
Hygienico, galante
E menos dispendioso?

Tu que foste homem de gosto,
Excepto daquella vez
Em que soffreste o desgosto,
A partida que te fez,

Aquella dama de trato,
Que, furiosa d'amor,
Mandou levar-lhe num prato
Essa cabeça—um primôr—,

Dize aqui muito baixinho,
Entre nós, á puridade,
Que escusa, São Joãozinho,
De sabê-lo a mocidade:

Não é melhor, S. João,
Que dando mostras de siso
Ellas vistam á pai Adão,
Como anjos do paraizo?

23-6-911

EL-VIDALONGA.

Assemblêa Nacional Constituinte

Sessão de abertura—19 de Junho

Abriu no dia 19 do corrente a assembleia nacional constituinte. Foi uma solemnidade imponente que despertou, não só em Lisboa e Porto como noutras terras do paiz, grande enthusiasmo.

Assistiu todo o ministerio, inclusivamente o sr. dr. Afonso Costa, ainda convalescente d'uma grave doença, 172 deputados, delegados de varios municipios, representantes d'algumas nações estrangeiras, grande numero de pessoas de todas as classes, em que se destacavam muitas senhoras.

Presidiu Anselmo de Braamcamp Freire, secretariado pelos srs. Miranda do Valle e Carlos Callisto.

Feita a chamada dos deputados presentes e convidados os presidentes das commissões de verificação de poderes a mandarem para a meza o relatorio dos seus trabalhos, o sr. Anselmo Braamcamp Freire, levantando-se e convidando a assemblêa a imitá-lo, leu, no meio do profundo silencio, o seguinte decreto:

A Assemblêa Nacional Constituinte, confirmando o acto de emancipação realisado pelo povo e pelas forças militares de terra e mar, e reunida para definir e exercer a consciante soberania, tendo em vista manter a integridade de Portugal, consolidar a paz e a confiança na justiça, e o bem estar e progresso do povo portuguez—proclama e decreta:

1.º Fica para sempre abolida a monarchia e banida a dymnastia de Bragança.
2.º A forma de governo de Portugal é a de Republica Democratica.
3.º São declarados benemeritas da Patria todos aquelles que para depôr a monarchia heroicamente combateram até conquistar a victoria, consagrando-se para todo o sempre, com piedoso reconhecimento, a memoria dos que morreram na mesma gloriosa empreza.

Terminada a leitura, a assemblêa manifestou o seu enthusiasmo, soltando vivas á Patria e á Republica e ao Governo. Nestas manifestações tomaram parte notavel as senhoras que, de pé, agitavam phreneticamente os lenços alvos e perfumados.

Refeito o silencio, o sr. Braamcamp Freire leu um outro decreto, pelo qual se declara que a bandeira nacional é encarnada e verde, e se escolhe a *Portuguezça* para hymno official.

Como o primeiro, foi este decreto acolhido tambem com muitas palmas e vivas.

Terminada a manifestação, o sr. dr. Theophilo Braga declarou que, estando constituida a Assemblêa Nacional, o governo depunha perante ella o seu mandato.

O povo, que se aglomerava em frente das Côrtes, acolheu com enthusiasmo delirante a leitura do decreto, soltando vibrantes vivas á Patria, á Republica e ao Governo.

Reaberta a sessão ás 2 h. menos um quarto, o sr. Dr. Theophilo Braga declarou que, estando constituida a Assemblêa Nacional, o governo depunha perante ella o seu mandato.

Pela bocca do sr. Anselmo Braamcamp Freire, a Assemblêa Nacional Constituinte confirmou o Governo Provisorio no exercicio do poder até ulterior resolução.

2.ª sessão—20 de Junho

Abriu a 2.ª sessão da Constituinte ás 3 h. da tarde, sob a presidencia do sr. Braamcamp Freire.

Lida a acta da sessão anterior, que foi approvada sem discussão e por unanimidade, o sr. presidente propõe que se nomeie uma commissão para elaborar o regimento definitivo, lembrando para esse fim os nomes dos srs. Dantas Baracho, Feio Terenas, Celestino d'Almeida, Innocencio Camacho e Machado Santos.

Sobro este assumpto houve larga discussão na qual entraram os deputados Manoel Bravo, Franca Borges, Emigdio Mendes, Alexandre de Barros, Maia Pinto, Dantas Baracho, Santos Moita, João de Menezes. Poz ponto na discussão, que promettia eternisar-se, o deputado Affonso Ferreira que requereu para que se desse a materia por discutida.

Afinal, foi approvada uma proposta do deputado Santos Moita, pela qual a commissão devia ser toda eleita, e procedendo-se á eleição, ficaram encarregados de elaborar o regimento os deputados Dantas Baracho, Feio Terenas, Innocencio Camacho, Celestino de Almeida e João de Menezes.

A requerimento do deputado Lopes da Silva, foram eleitas tambem a meza e a commissão da Constituição, ficando a primeira constituida pelos snrs. Anselmo Braamcamp Freire, presidente; João de Menezes e Augusto Monjardino, vice-presidentes; Affonso de Lemos e Balthazar Teixeira, secretarios; Pereira Victorino e Jorge Nunes, vice-secretarios.

Para a comissão da Constituição foram eleitos os deputados João de Menezes, José Barbosa, Correia de Lemos e Magalhães Lima.

As referidas eleições terminaram ás 11 1/4 h. da noite, encerrando-se logo a sessão.

3.ª sessão—21 de Junho

Abriu a sessão á 1 h. e 20 m., sob a presidência do sr. Anselmo Braamcamp, secretariado pelo sr. Miranda do Valle e Carlos Callisto que, depois da leitura da acta, foram substituídos pelos secretários effectivos srs. Affonso de Lemos e Balthazar Teixeira.

Antes da ordem do dia, o sr. presidente leu um telegramma do presidente da camara dos deputados do Brazil participando que na sua sessão do dia anterior havia sido aprovado um voto de saudação á Republica Portuguesa, e acrescentou que ia enviar um telegramma de saudação ao parlamento brasileiro.

Em seguida o deputado sr. Alvaro de Castro apresentou um projecto de lei a respeito dos que têm attentado ou venham a attentar contra a Republica, para o julgamento dos quaes seria creado um tribunal especial.

Este projecto de lei levantou larga discussão, na qual entraram, entre outros, os srs. Bernardino Machado, João de Menezes, Thiago Salles, Antonio José d'Almeida e França Borges, terminando-se por eleger uma comissão para examinar a legislação já publicada applicavel aos que attentam contra as novas Instituições e a independencia da Patria.

As 5 horas da tarde, reabriu a sessão, sob a presidência do sr. João de Menezes, entrando-se na ordem do dia.

O presidente do Governo, sr. Theophilo Braga, subiu á tribuna e leu a mensagem do Governo aos deputados da Assembleia Constituinte, documento muito extenso e que por isso mesmo não podemos publicar.

Terminada a leitura, o sr. Theophilo Braga informou a Constituinte de que os Estados Unidos reconheceram a Republica no proprio dia da aclamação.

Subiu, em seguida, á tribuna, o deputado Alexandre Braga que produziu um brilhante discurso em resposta á mensagem do Governo.

Em seguida foi encerrada a sessão ás 5 h. e 55 m. da tarde.

4.ª sessão—22 de junho

A sessão abriu á 1 h. e um quarto, sob a presidência do sr. João de Menezes, estando presentes 144 deputados.

Por proposta do deputado Abel Botelho a Assembleia resolveu saudar o governo e o povo inglez pela festa da coroação do rei Jorge V.

O deputado Jorge Nunes propoz a nomeação d'uma comissão para elaborar um projecto destinado a impedir a accumulção de

empregos, o que foi approved, ficando a eleição da comissão para se fazer conjunctamente com outras.

Os deputados Rontte e Domingos Pereira propozeram respectivamente a publicação do discurso de Alexandre Braga e da mensagem do governo, para serem distribuídos profusamente pelo paiz, proposta que foi rejeitada justamente pois, como disse o deputado Innocencio Camacho, que contra ella protestou, acarretaria despezas e daria logar a um mau precedente.

O deputado Esteyão de Vasconcellos mandou para a meza um projecto de lei sobre as responsabilidades das emprezas industriaes nos desastres de trabalho, e propoz que fosse nomeada uma comissão de legislação operaria.

Approvada esta proposta, entrou-se na ordem do dia: eleição de comissões, encerrando-se em seguida a sessão.

CARTAS D'ALGURES

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Agora mesmo, li no *Janeiro*, o primeiro jornal que abro, mal o entregador se digna metter-m'o debaixo da porta, uma noticia que extremamente me consolou, porque representa um acto de justiça praticado pelo governo do meu paiz.

Quero referir-me, amigo leitor, á nomeação de D. Carolina Michaëlis para professora de *Philologia Germanica*, cadeira da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa.

Eu não resisto a fazer esta comunicação ao *Correio do Vouga*, porque sei quanto a sua redacção estimará prestar, desde já, a homenagem da sua admiração á illustradissima Professora, e só tarde o poderia fazer sem as minhas informações que espero chegarão ainda a tempo do n.º de domingo.

Mas, para que assim aconteça, eu não posso demorar-me em considerações, que, aliás, o nome de D. Carolina Michaëlis dispensa, e seriam sempre indignas dos seus altísimos merecimentos.

De resto, o decreto de nomeação, que a seguir transcrevemos, põe bem em destaque os titulos que justificam o acto do governo:

«Tendo em vista o disposto no § unico do art. 49.º do decreto com força de lei de 9 de maio de 1911, que creou as Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e de Coimbra;

E ouvido o conselho Escolar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Attendendo aos excepcionaes merecimentos que concorrem na pessoa da illustre escriptora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que tão relevantes serviços tem prestado á lingua e á litteratura portugueza, em trabalhos como o estudo sobre *Sá de Miranda*, a historia da nossa litteratura escripta em allemão, e tantas obras valiosas que representam o mais bello e eloquente testemunho de quanto pôde um altíssimo espirito, alliado a um profundo e solido saber:

Hei por bem decretar que D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos seja nomeada para o logar vago de professor ordinario do grupo de filologia germanica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Paços do Governo da Republica, em 21 de junho de 1911.

—O Ministro do Interior, Antonio José d'Almeida.»

Talvez ainda o não tenha deixado perceber neste jornal, mas é uma verdade que eu não sympathizo com o movimento *feminista*, e em geral rio-me, quando as não aborreo, das nossas *feministas*, de ordinario *litteratas*, muito pretenciosas e muito banaes.

Não sei transigir mesmo com a concorrência que a mulher vae fazendo ao sexo forte em todos os ramos da actividade humana. Vivo ainda agarrado a esta velha opinião que muitos terão por preconceituosa: A mulher nasceu para a vida domestica, onde não deve ser nunca escrava do homem, mas a sua companheira amorosa e boa, que, como elle, tem direitos e deveres; nasceu para ser mãe, e com o seu immenso amor educar os filhos, tornando-os cidadãos honestos, cheios de bondade, a qualidade que mais torna sympathico o ser humano, desde que seja acompanhada do culto pela justiça.

Penso d'este modo, mas enche-me de alegria o facto de D. Carolina Michaëlis ser chamada á vida publica do

meu paiz, sua patria adoptiva, (pois a eruditissima senhora nasceu na Allemanha), porque ella é um espirito excepcional, e talvez não haja em Portugal homem nenhum que podesse desempenhar a missão de que o Governo a encarregou com a competência com que ella o vae fazer.

23 de Junho de 1911.

A. B. C.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 3-6-911

Em virtude da retirada temporaria para esse paiz do meu particular amigo sr. Annibal C. F. de Paiva e devido a um requinte de excessiva gentileza da parte d'esse sr, que me convidou para, na sua ausencia, occupar o seu logar neste modesto mas vigoroso semanario, assumo hoje o logar de seu correspondente nesta cidade.

A minha incompetencia para desempenhar a contento de todos os meus presados leitores o cargo com que se dignou distinguir-me aquelle meu excellente amigo, me inibia de aceitar tão espinhosa quão ardua missão; attendendo, porém, ás fidalgas attentões prestadas ao meu antecessor, accitei o amavel convite, conscio de que não me serão negados os mesmos attestados de sincera gentileza, motivo pelo que lhes hypotheco aqui, desde já os meus sentimentos de profunda gratidão.

A semana passada pôde-se, sem erro, qualificar de aziaga. Andou, por assim dizer, o diabo á solta! Um morto e alguns feridos foi o resultado de varios tiros, facadas, bengaladas, etc.

O morto era um nosso compatriota, ha pouco aqui chegado, por nome Mario Barbêdo e apenas contava 15 annos de idade. Era sobrinho do commerciante d'esta praça e presidente do *Centro Monarchico*, sr. Manuel Panhola.

O crime deu-se em circumstancias verdadeiramente revoltantes: estava sentado um individuo embriagado no botequim *Quintãs*, á Avenida Eduardo Ribeiro, quando ia passando o infeliz pequeno em companhia de seu tio. Sem tirte nem guarte o preverso e covarde assassino, saca d'uma pistola *Mauser* e friamente a desfecha contra o infeliz que, como fulminado, cahiu ao chão banhado em sangue. Immediatamente transportado ao hospital da *Beneficente Portuguesa*, ahí veio a fallecer passadas duas horas.

O criminoso fugiu e só ao outro dia foi preso, pelas nove horas da manhã.

Tão repugnante e monstruoso se me apresenta este crime praticado em pleno dia na principal arteria d'esta cidade, revelando no criminoso innatos e perversos sen-

timentos que o deixo de proposito sem commentarios e na sua revoltante nudez.

As restantes scenas de sangue, deram-se entre bolieiros entre si e um d'estes com um official da Policia Estadual.

A questão entre os primeiros teve origens em melindres de amor proprio; os segundos, apesar do que em contrario disseram os jornaes governistas, estou a vêr que foi devido ao official da policia dizer para o bolieiro: Toca para tal parte, *gallego!*...

E' bem certo o que ha tempos escreveu o illustre litterato e jornalista republicano Manuel Laranjeira, que o portuguez que embarca para o Brazil, principia por perder a patria, porque de volta a Portugal é conhecido pela suggestiva alcunha de *brasileiro* e aqui no Brazil é... *gallego!*

Já não nos bastam as agruras do exilio é preciso ainda por cima virem entes vis e abjectos roubar-nos a esperança pela qual talvez unicamente vivemos — a Patria e o... nome!

No dia 27 do passado, após alguns mezes de veraneação pela velha Europa, chegou a esta cidade o ex.º sr. Desembargador Raposo da Camara.

Nome de destaque na politica e na magistratura foi recebido com as mais altas provas de consideração por todas as classes sociaes. Como chefe de policia durante bastante tempo no governo actual, aliando a uma energia ferrea o mais fino tacto policial, destacou-se nesse espinhoso cargo de tal maneira que pode-se com affouteza dizer que pôde ter sido egualado; excedido, porém, nunca.

Quando se retirou d'esta cidade, para tratar de sua saude, disse-se e ainda hoje se diz á bocca pequena, nos bastidores politicos, que foi devido a um desgosto com o seu amigo e compadre, o actual governador do Estado, devido a umas artimanhas *diplomaticas* do consul de Portugal, de então. Diz-se hoje, e com justificada razão, tal energia mostrou no cargo que occupou, que se elle não sahisse de Chefe de Policia, não se dariam os revoltantes successos de 8 de outubro.

A falta de espaço inibe-me de publicar na integra o programma das festas que lhe foram feitas, como era de minha vontade. Houve marcha *aux flambeaux*, corso, discursos, etc., etc.

Como existe nesta terra a mania das manifestações e já ha algum tempo estavamos d'ellas privados, esta agora veio-nos provar mais uma vez que é habito innato neste povo homenagear todos aquelles que lhe prestem serviços que o mereçam.

Realisou-se no dia 28 do mez preterito, pelas duas horas da tarde, na praça de S. Sebastião, um comicio de protesto da classe caixeiral, contra a attitude d'alguns commerciantes retalhistas, que requereram ao tribunal competente, um *habeas corpus*, no sentido de

COMO SE NAMORAVA EM PORTUHAL NO SECULO XVIII

(CONCLUSÃO)

O «faceira», ou «farçola», elegante diplomado do seculo XVIII, que descendia do «bandalho» e que precedeu o «peralta», limite extremo da patetice lisboeta, nasceu e veio ao mundo exclusivamente para namorar. Era uma especie de boneco saltitante, precioso, cheio de rendas, perfumado de agua de Cordova — o melhor perfume da época —, com um chapéu de tres cantos posto no alto da cabeça, um palminho de cara pintado e mosqueado de signaes,

uns grandes «mostachos» na cabelleira, umas grandes fivellas nos sapotos, fingindo-se myope, levando constantemente aos olhos um oculo de punho d'ouro, falando em Plinio, Séneca, Salustio, Platão, furando por toda a parte, mettendo o nariz por todos os cantos, fallando á grande com freiras, nas egrejas com damas, na rua com toda a gente. Seguia á risca as leis da *Turina*, — especie de pragmatica do bom tom, que ensinava a namorar nos dias de procissão, nas quintas-feiras do theatro do Bairro Alto e no ralo estreito dos «conventos conversativos». Estava quasi sempre sem dinheiro —, mas nunca lhe faltava sége para arruar, flores para oferecer, joias para deslumbrar as comicas da rua dos Condes e as freiras de Sant'Anna. Quando via de longe, quando

suspeitava tão sómente a aproximação da sua parceira nas elegancias, a «frança», outra especie de boneca de Saxe, tocada á allemã, com o seu manto de lustro, os seus sapatinhos de velludo berne, o seu rosiçler nos cabellos, os seus bambolins bojudos, a sua boquinha de jarro, os seus pequeninos movimentos simianos —, encrespava-se todo, mettia o tricorne debaixo do braço, punha os olhos em alvo, collocava o espadim doirado entre as coxas, e com «olhares dormidos e bocca de melancolia», como diziam as satyras do tempo, aguardava a passagem da sua bella.

Começava então o namoro. Mal a «frança» atravessava por diante d'elle, em passinhos dançados e beliscando as ilhargas da saia, se ia a pé, affastando com a mão cheia

de joias a cortina de tafetá vermelho, se ia de côche ou de cadeirinha, o elegante curvava-se todo em *Gloria-Patri*, esboçava um sorriso com os dentes unidos, sacudia a cabeça como um cão ao sahir da agua, aguardava immovel que a «sua Diana» se afastasse uns cinco ou seis passos, e seguia-lhe no encaço, escondeirando-a, dançando, saltitando, fazendo mesuras, cortejando conhecimentos imaginarios, o oculo d'ouro, q'um vidro só, unido á orbita esquerda, o bastão debaixo do braço, o chapéu «á Anastacia» posto á frente sobre a cabelleira de polvilhos. Se a «frança» olhava para traz e aceitava a côrte, era então para o «faceira» lisboeta um verdadeiro e delicioso supplicio. Tinha de ir piscando constantemente um olho, — o que não ia encoberto pela luneta;

com a mão direita havia de tirar da algibeira um lenço de hollandilha leve, a que se chamava no tempo «o alcoviteiro das distancias» ou «neve que mata pelo ar», e proceder com elle a um complexo e inverosimil manejo, levando-o ora á bocca, ora ao peito; finalmente, de vez em quando, logo que ella voltasse a cabeceira airosa, tocada de «trouxas» de seda d'amarella, era obrigado a corteja-la, descendo o tricorne horizontalmente adiante de si, «em forma de bacia das almas», como ordenava e explicava na sua prosa pittoresca o *Ritual dos Bandarras*. Esta complicação, esta simultaneidade de movimentos era de uma difficuldade espantosa e exigia uma pratica demorada. Só depois de se ter namorado muita «frança» é que se conseguia realizar um namo-

poderem ter seus estabelecimentos abertos até ás nove horas da noite, derogando assim, como constitucional, a lei em vigor da Intendencia Municipal.

Abriu e presidiu ao comicio o sr. Manuel Calvet de Magalhães, um dos mais talentosos ornamentos da classe. Principiou por verberar o procedimento d'aquelles que não vêem que neste clima exhaustivo se não pôde trabalhar as horas que desejam, mostrando quão iniquas e deshumanas são as suas pretensões. Atacou a fundo a Associação Commercial dos Retalhistas e principalmente o seu presidente sr. Porfirio dos Remedios Varella e um dos seus vogaes o sr. José do Rosario, mais conhecido pela alcunha de *José da Hortã*, a quem chamou de *beocios* e ignorantes mettendo a ridiculo as suas personalidades.

Alongou-se ainda em varias outras considerações sobre o fim do comicio, terminando por apresentar uma *Moção de protesto* e na qual delegaram todos os poderes á Directoria da Associação dos Empregados do Commercio, para que esta envie todos os seus esforços, perante os poderes competentes, no sentido de lhe serem respeitadas as regalias adquiridas.

Ao terminar a sua notavel peioração foi o talentoso orador vivamente ovacionado.

Fallaram ainda os srs. Anthero de Sá, Porfirio Pires e Mario Correia.

Dirigiram-se em seguida para a residencia de s. ex.º o sr. Superintendente Municipal, com o fim de lhe entregarem uma representação-protesto, não o conseguindo, por aquella hora não se encontrar em casa aquelle funcionario publico.

D'alli dirigiram-se para as redacções dos jornaes pedir o seu auxilio, sendo recebidos com as mais captivantes provas de consideração.

O comicio terminou eram 5.5 horas da tarde, em frente á Associação dos Empregados do Commercio.

O obscuro rabiscador d'estas linhas, commerciante retalhista e proprietario, tendo professado e defendido sempre os ideaes mais avançados, não pôde deixar de, por sua vez, lamentar que alguns seus collegas imbuidos de ideaes em completo antagonismo com o progresso se deixem arrastar por desvairados entendimentos em uns de mal entendidos amôres-proprios, em outros por vis e mesquinhos interesses mercantis. Estes ultimos merecem completamente o nosso desprezo e causam-nos nojo tão vis expedientes.

Segue, no vapor que esta conduz, para os lares patrios, em viagem de recreio, o meu distincto amigo e velho republicano cidadão Joaquim Mendes Rodrigues.

Nome de destaque na arte de que honradamente usufrue os meios de subsistencia tem-se imposto, pela elevação de sentimentos e lhanza de trato, a consideração de todos aquelles que tem a felicidade

de de consigo manter relações de amizade.

Bonancosa viagem e volte breve ao convívio dos amigos dedicados que ansiosamente o esperam, são os meus desejos.

E como os meus carissimos leitores já devem estar saturados de tanta massada, faço ponto por hoje.

Manuel Vicente da Cruz.

NOTICIARIO

Actos—Fez no dia 21 acto da 14.ª cadeira do 4.º anno da Faculdade de Direito, na Universidade de Coimbra, o nosso amigo sr. Joaquim d'Almeida Silva, natural de Pardilhó (Estarreja) que obteve a honrosa classificação de 16 valores. Com um abraço, enviamos-lhe cordaes felicitações.

—Egualmente cumprimentamos o nosso presado amigo sr. Antonio Ernesto Simões Lucas que ficou plenamente approvado no acto que acaba de fazer numa das cadeiras do 5.º anno juridico.

São João—Quasi á hora do nosso jornal entrar na machina, informam-nos de que alguns briosos rapazes d'esta freguezia projectam festejar o S. João. Assistirá a afamada tuna de Travassô e lançar-se-á de haver descantes e bailes campestres que dão sempre uma nota agradável ás nossas festas.

Que a população da nossa terra passe algumas horas alegres e felizes é o que muito desejamos.

Funeral—Chegou realmente aqui o nosso presado conterraneo sr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva acompanhado do cadaver da sua esposa, a qual fôra uma das victimas do naufragio do *Luzitania*.

Na estacção d'Aveiro esperavam-no muitas pessoas d'esta villa que com a sua presença quizeram levar-lhe algum lenitivo para a grande dor que o tortura.

A saudosa extincta, que gozava vivas sympathias entre as pessoas que a conheciam, ficou sepultada no cemiterio d'esta freguezia.

Aproveitamos a occasião para mais uma vez manifestar ao sr. Carvalho e Silva a nossa sympathia, associando-nos affectuosamente á sua dor.

tissima importancia na velha arte de namorar. Segundo essa attitudede variava, assim se dizia no tempo que o «faceira» namorava «de estafermo» ou namorava «deestaca»: de estafermo, quando ficava isolado no meio da rua, olhos em alvo, tricorne na mão; de «estaca», quando se encostava á parede ou ao cunhal fronteiro, para piscar mais commodamente o olho á sua «frança». O mais difficil e o mais fidalgo era o namoro de «estafermo»: o elegante, inteiramente desamparado, tinha de valer-se da sua gentileza, da sua linha, da sua plasticidade, de buscar posições inverosimeis e de não se desequilibrar nem entontecer, sobretudo quando a «preciosa» morava muito alto, em segundos ou terceiros andares.

D'ahi por diante, encontravam-

D'Alem-mar—Durante a ausencia do sr. Annibal Cerdeira Paiva, será correspondente d'este jornal em Manaus (Brazil) o sr. Manoel Vicente da Cruz de quem publicamos hoje a primeira carta.

Vivamente reconhecidos, agradecemos a Annibal Paiva e a M. Vicente Cruz, as suas involvidaveis gentilezas.

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Encontra-se abito A. João de Loure, onde veio passar algum tempo em companhia da sua familia, o sr. José Pedro da Silva Abreu, nosso sollicito correspondente em Thomar.

Doentes

Encontra-se doente o nosso amigo e conterraneo sr. Francisco Marques Barbosa cujas melhoras desejamos.

Tambem está doente o filhinho do nosso presado conterraneo e importante proprietario sr. Manuel Marques Janvelho. Fazemos votos pelas rapidas melhoras da gentil creança.

Partidas e chegadas

Retirou, na quinta-feira, para Lisboa, o nosso excellento amigo sr. capitão-tenente Jayme Affreixo.

Rogressou do Barreiro, o nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Thomar, 20

Houve hontem, aqui, grandes manifestações, em signal de regozio pela abertura da Assembleia Nacional Constituinte.

Pela manhã, houve alvorada, percorrendo varias ruas, a tocar a «Portuguesa», as duas philarmônicas d'esta cidade e a banda regimental.

As 11 horas dirigiram-se as philarmônicas, acompanhadas de muito povo, para os Paços do Concelho, onde o sr. Administrador discursou, sendo muito aplaudido.

No dia 17 do corrente, foi preso, pelo sr. Administrador do concelho, o prior de S. Pedro, por ter proferido, na egreja, varias palavras contra a Republica. Passou a noite de 17 para 18 na cadeia, seguindo neste dia, acompanhado por um cabo de policia, para o governo civil de Santarem.—José Pedro.

Alquerubim, 18

Pelo meretissimo Governador Civil do districto foi approvedo o orçamento e planta, para ser reedificada a igreja d'esta freguezia, que se encontra em estado de completa ruina. A despeza orçada é de nove contos de reis, tendo a Junta de Parochia cerca de vinte que ha perto de 30 annos anda a juntar para fazer uma igreja nova, mas como o governador Civil entendesse que na epocha

actual não devia auctorisar a gastar-se uma tamanha verba em uma igreja, o que é muito louvavel e de muito bom criterio, determinou que se reconstruisse a verba, gastando-se os nove contos, e que o resto fosse applicado a melhoramentos publicos, como uma Ponte sobre o rio Vouga, na Barca d'Almial, dando-nos assim acesso á estacção do caminho de ferro do Valle do Vouga, na Ponte da Rata, um novo cemiterio em sitio mais adequado ao fim, do que o actual, que está engravado no centro da povoação e outros melhoramentos de utilidade publica.

As obras vão começar ainda no corrente mez. para vêr se se podem concluir até março, pois a actual igreja está ameaça imminente perigo.

No domingo, 25, festeja-se aqui com muita pompa, segundo o costume d'outros annos, o Coração de Jesus, fazendo communião ás crianças, que a fazem pela primeira vez, ás 8 horas da manhã; ás 11, missa solemne com exposição e sermão; ás 4 da t. ladainha, sermão e procissão que percorrerá as ruas do costume, Fontes, Oliveira de Salomão, Castella, Cruzeiro e Adro.

Assiste a musica da Vista Alegre, e é pregador o Parocho d'Oliveira de Frades, que é um orador sagrado muito distincto.—C.

Leituras amenas

O NAMORO

Quem quizer ler o penegyrico do distincto cavalheiro, apresse-se a comprar um (Conselheiro dos amantes). E' lá que costuma estudar-se-lhe a genealogia. Porque Namoro tem sangue azul, sim senhores. No numero dos seus antepassados encontra-se o João Quinto das investidas a Odíellas. E quantos nobres folhões de archeologia pagodeira não lhe encheu a arvore geneologica de rebentos promettedores filhos de rechonchudas damas e de clérigos fidalgos!

Vamos lá, chamemos-lhe até real visto que é apparentado com *reaes malandrins*. E as damas da alta hão-de gostar de mim porque lhes recordo o tempo que passou e não volta mais... E hei-de gostar das damas da alta porque tive a *esmola dos seus olhares pedosos* na consagrada phrase d'um caixeiro de pannos.

O Namoro é irmão do Flirt. Mas differe muito nos costumes. Ao passo que o flirt é todo delicadeza, o Namoro é quasi sempre ridiculo e o que certos reportres maliciosos annunciam caso interessante, não passa a maior parte das vezes d'um escandalo completo.

Burguezinhas nervosas não vos intimideis. Eu conheço muito bem as vossas pequeninas fizes com o Senhor Namoro mas nada revelarei nem dos beijos trocados furtivamente nem dos seus dialogos quentes que vos trazem de noite *sonhos de côr de rosa*.

Discreto como sou não fallarei a ninguem de scena picaresca em que vos surpreendi uma vez com o caixeiro, um rapaz garboso de bigodes retorcidos e gravata flamejante.

Nem vosso pae saberá nunca, para não vos fulminar n'um raio de colera olympica de tragedia, que certo cadete assalta a meia noite a janella do vosso quarto. Não.

nario do faceira e da Espadana Turina, ás piscações d'olho, ás mordeduras de beijos, ao lenço solto «a todo o panno», aos tregeitos «aframengados», aos «ais consolativos», — e o pobre «farçola», cruz-diabo na portaria e centurião na Egreja, continuava a fazer prodigios de gentileza e de effulbrío, trocava as pernas em cortezias dançadas, chiava em donaires atiplados, dizia tolices que eram «a prata quebrada dos encontros», levava vinte vezes o lenço de Hollanda á becca, piscava os olhos como se os agitasse em tude convulsivo e com a face pintada de carmim, os brincos nas orelhas, a peruca empoada «á la greca», as pernas estiradas com «rolos» para parecerem mais altas,—enfatuado, saltitante, ridiculo, mulheril, procedia, com um escrupulo infinto e com a maior so-

Eu guardarei tudo para mim. Até as cartas que me dizem que andaes de relações cortadas com gramatica do bom senso, até essas cahirão on abysmo horrivel da minha gaveta dos papeis velhos.

—Uma das vossas creadas confundiu-me hontem com o bacharel Abreu e disse-me que fosse lá ás 11 da noite que a menina esperava no corredor.

E eu generosamente desfiz o enganõ só para não soffrerdes uma decepção amarga.

Mas vêde a quanto vos tem obrigado o Senhor Namoro, burguezinhas hystericas.

Aristhinas princezas tam bem vós andaes intimamente relacionadas com S. Fx.ª. Nem admirag. Questão de parentesco e linhagens!

Há pouco ainda trocastes olhares apaixonados com aquelle *pãozinho* no electrico.

Disseram-me que no baile dos condes L... emquanto as senhoras *maduras* dormiam ou fingiam dormir vos affistates pare logar escuto e lá ouvído discreto escuto a symphonia de beijos rapidos, electricos, voluptuosos.

Será verdade?

Nono verdade? Eu percebi que alguma caisa vos espicaçava a curiosidade. E pude descobrir afinal varios binoculos que vos procuravam com insistencia.

—A carta que hontem o gallego da esquina entregou á vossa creada de quarto, foi o epigolo solemne das tentativas do theatro.

Eu li-a antes de ella vos ir parar as mãos.

Era uma declaração d'amor hrottescas que folava em *dynamite de paixão* e quejandos explosivos. Cautella, Donas!

Olhae que custa um pataco cada linha de amor, actualmente.

Fazei os calculos se sabeis multiplicar e vêde a quanto monta a importancia das cartas que o imbecil do vosso eleito (pois não assim que lhe chamaes?) vos vae escrever todos os dias.

—Quem sabe lá quantos *eleitos* tendes e qual é o verdadeiro?!

Os annuncios de amor que andam pelos jornaes são os cartazes da cretinice agoalada e os diplomas de pelintras aristocracias.

Vamos, ponde fora o Senhor Namoro seja elle um neurasthenico parvo, um cadete mulherengo, um poeta delambido ou um caixeiro idiota.

Se o vir pela rua o povinho, decerto chama-lhe thalassa e leva-o para o Limoeiro na grande apothese... das batatas.

A SAHIR BREVE

A Carte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Matins

lemnidade do mundo, ás mil e uma praticas complicadas da arte de namorar no anno de graça de 1750.

É claro,—o namoro da «frança» e do «faceira» acabava poucas vezes pelo casamento. O mais vulgar, para honra do convento e da «menina», era ser o galante zurzido com o bastão do mordomo da casa, quando o não pilhavam com a bocca na botija as *môscas* do senhor Intendente. De resto, tudo se passava pouco mais ou menos como hoje, porque, afinal de contas, por mais que o namoro varie com os costumes, com as modas, com os tempos, succede-lhe o mesmo que á politica: — *plus ça change, plus c'est la même chose...*

Julio Dantas.

(Do livro *Outros Tempos*).

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, ontendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

5.^a edição. . . . 100 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collcção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—2300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Gargão. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e atrahentados dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistá, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fór a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Perreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas sathanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisala o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) . .	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam.º Int.

4.º ANNO—N.º 24